

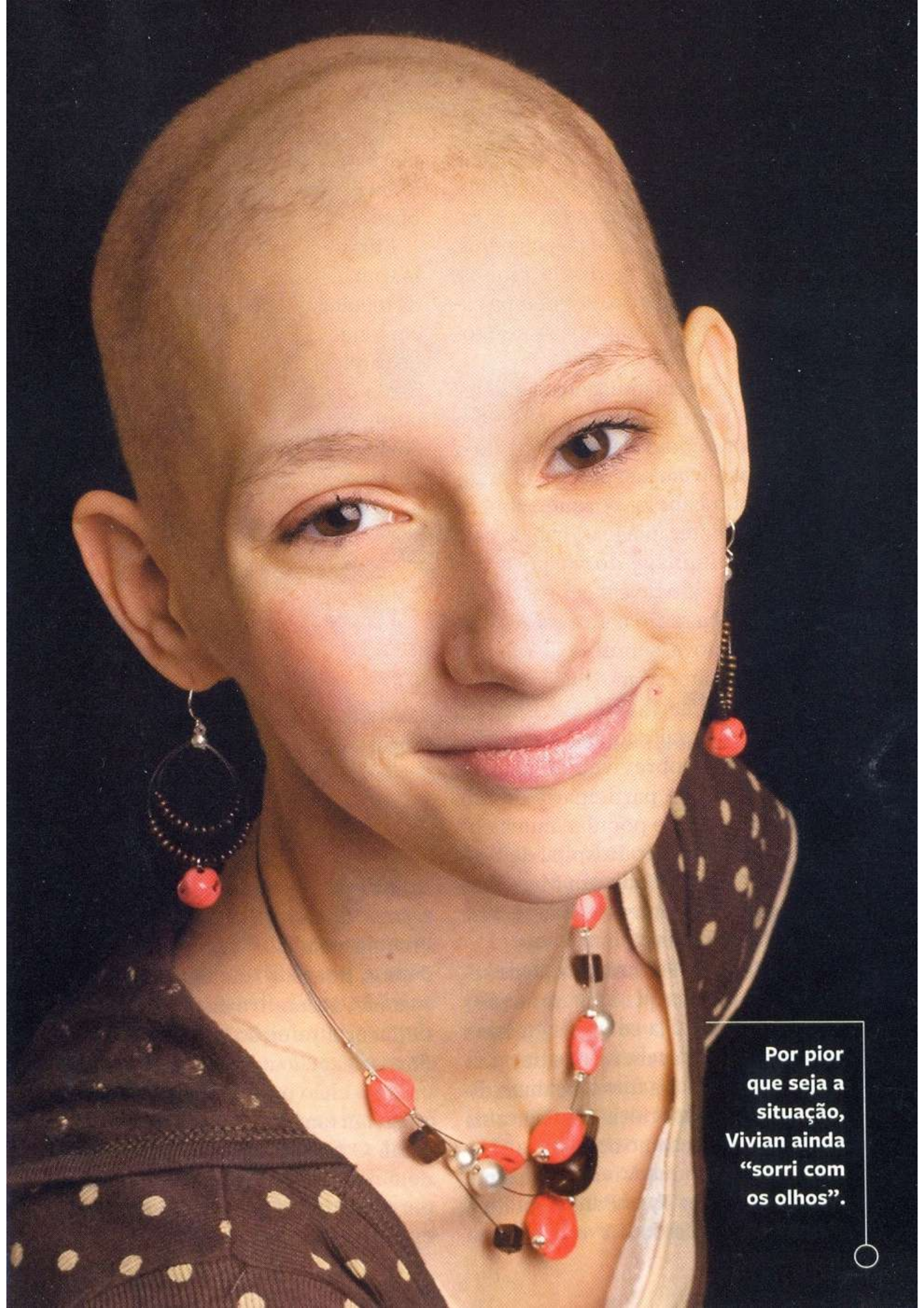
Um de rosto de luta

O câncer lhe tirou o cabelo e a deixou manca, mas esta adolescente continua decidida a ser modelo como Tyra Banks

POR CYNTHIA
DERMODY

O maquiador passa um pincel de cerdas macias no rosto de Vivian Laws, deixando um brilho rosado que significa "saúde". Por enquanto, a jovem está bem, apesar das muletas presas ao cotovelo e da grande tala preta na perna direita. E a mocinha tem razão de estar empolgada nos Chelsea Studios, preparando-se para aparecer na TV. O maquiador dá os toques finais nos lábios da bela jovem.

- Hum... É mais maquiagem do que costumo usar - diz Vivian para si mesma no espelho, examinando-se com olhos de profissional. Embora só tenha 14 anos, Vivian é modelo iniciante.



Por pior
que seja a
situação,
Vivian ainda
"sorri com
os olhos".



Estamos em novembro de 2008, uma época do ano gloriosa e revigorante na cidade de Nova York. Para passar o tempo antes de o programa começar, Vivian conversa com o produtor de TV ali sentado. Ela não está nervosa. Já esteve no palco e na frente das câmeras.

Também se sente bem com a roupa, um colete amarelo justo sobre uma camiseta de mangas compridas e saia rodada preta.

As roupas e a maquiagem são detalhes importantes para uma modelo e atriz iniciante como ela, tanto quanto o cabelo. Mas Vivian não precisa se preocupar com o cabelo, porque está careca. A quimioterapia fez o cabelo cair enquanto eliminava do corpo o osteossarcoma, tipo de câncer ósseo.

A doença é a razão para essa adolescente de Cordova, subúrbio de Memphis, no Estado americano do Tennessee, estar ali no camarim da televisão em Nova York. Ela vai contar no ar a história de como sobreviveu ao câncer. Disseram-lhe que participaria de um noticiário matutino popular, numa entrevista marcada pelo Hospital de Pesquisa Pediátrica St. Jude, em Memphis, onde ela faz o tratamento. Mas vão lhe fazer uma surpresa.

Batem à porta. Por uma fração de segundo, Vivian acha que é algum auxiliar de contrarregra. Ela se vira e, quando reconhece quem acabou de entrar, não consegue terminar a frase. Nenhum diretor ou ator conseguiria encenar uma cara de surpresa como aquela.

“Ah... Oi!” é o que Vivian consegue dizer à visitante: Tyra Banks, modelo que virou estrela da TV e que é seu

maior ídolo. A surpresa, combinada entre o pai de Vivian e o hospital, é que a moça não vai participar de um noticiário; ela é convidada do *Tyra Banks Show*, programa americano com público de 2,2 milhões de espectadores.

Minutos antes de Tyra entrar no camarim de Vivian com as câmeras, o pai da menina, Vince Laws, estava no palco contando a história da filha: animadora de torcida e modelo, aos 12 anos recebeu o diagnóstico de câncer ósseo na perna direita. Até agora ela venceu a doença, mas o tratamento e a recuperação atrapalharam sua carreira.

O tumor maligno

no alto da tíbia direita era do tamanho de uma bola de pingue-pongue.

Vince se lembra da menina levada que Vivian foi, sempre disposta a enfrentar de cabeça os desafios, cheia de energia e muito travessa. Quando tinha 3 anos, houve o “incidente do café da manhã”, a tentativa da criança precoce de fazer a refeição matutina jogando flocos de milho no vaso sanitário e ovos crus no chão da cozinha.

Vivian também era uma beldade natural. O fotógrafo que tirou o retrato dela no jardim de infância, em 2000, perguntou à mãe se a menina de olhos escuros poderia posar para os seus



Marlo Thomas (à esquerda), do Hospital St. Jude, fez uma surpresa a Vivian: conhecer ao vivo, no palco, seu ídolo, Tyra Banks.

anúncios. No palco dos concursos de beleza “natural”, sem artifícios, a personalidade vibrante e a aparência exótica de Vivian, meio irlandesa, meio nativa americana, brilharam. A mãe, Carla Laws-Roseberry, diz que Vivian tem uma “luz interior” que sempre “atrai as pessoas”. Aos 7 anos, ela já ganhara alguns concursos.

Então, numa festa na cidade, um olheiro de agência de modelos a encaminhou para um curso. Com 10 anos, Vivian assinou contrato com a prestigiosa agência Wilhelmina Dan.

Mas, aos 12 anos, sentiu uma dor tão intensa no joelho direito que os pais a levaram a um especialista.

O tumor maligno no alto da tíbia direita era do tamanho de uma bola de pingue-pongue. Ela precisaria de quimioterapia e cirurgia para remover a massa, seguidas por medicamentos ainda mais tóxicos para matar as células que restassem.

Durante seis meses, a menina passaria mal por causa dos remédios. A probabilidade de recuperação era boa, mas não havia garantias.

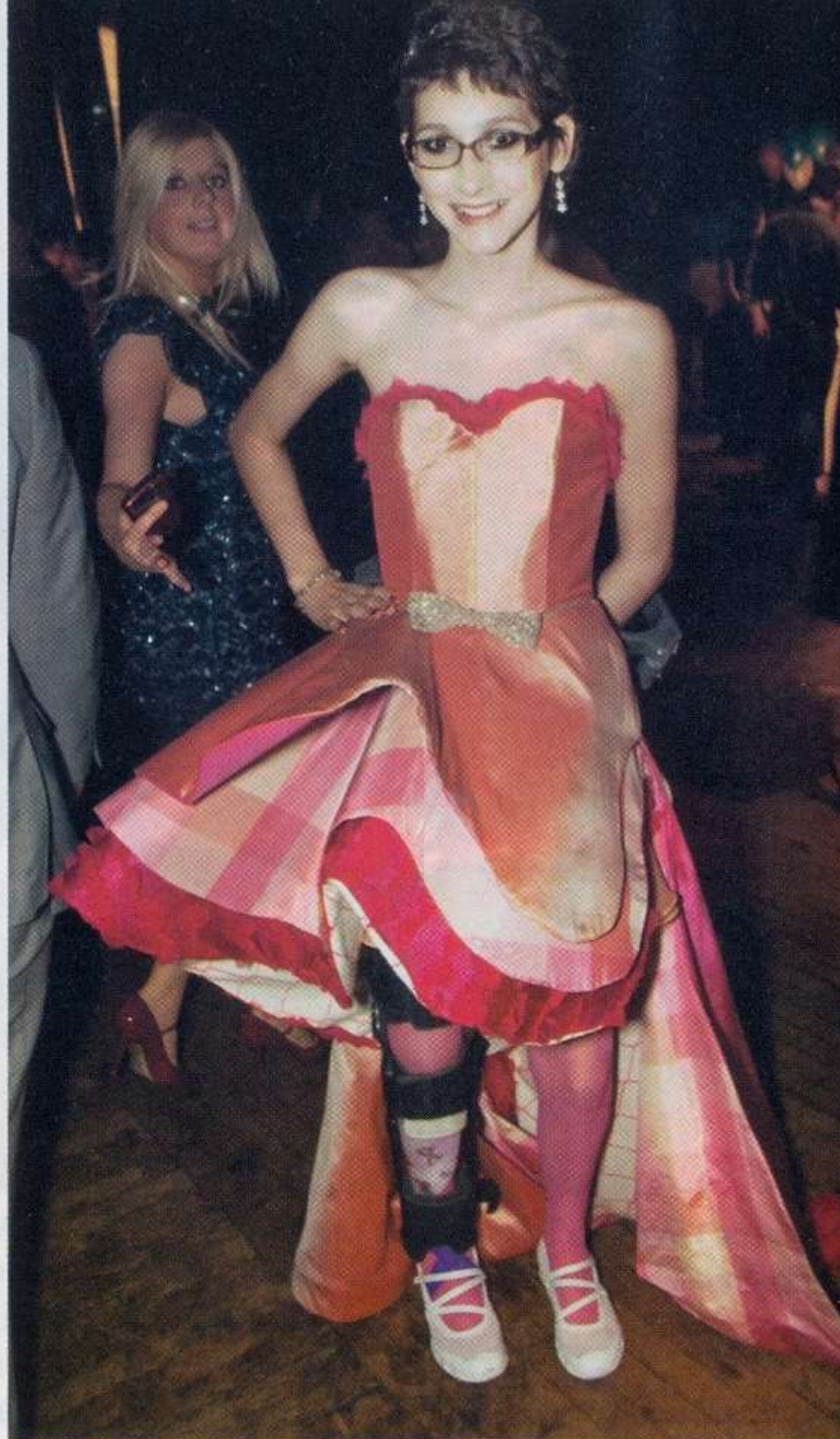
Uma coisa era certa: os médicos disseram à menina, que já estava de olho numa profissão que costuma exigir perfeição física, que teriam de remover a parte doente da perna e substituí-la por uma prótese de metal. O procedimento deixaria uma comprida cicatriz na perna. Ela também precisaria de talas e mancaria para sempre.

“Vou ficar corcunda?”

Em 2007, cerca de 10.400 crianças com menos de 15 anos receberam diagnóstico de câncer nos EUA, e 1.545 delas acabarão morrendo (no Brasil, o setor pediátrico do Inca fez 9.120 atendimentos ambulatoriais só em 2008). Isso faz do câncer a principal causa de morte por doença de crianças e jovens entre 1 e 14 anos. Talvez seja um consolo ter câncer na infância: a maioria delas não tem noção exata do que está acontecendo. O fardo emocional e a tomada de decisão cabem quase inteiramente aos pais. E essa decisão costuma ser a mais difícil da vida deles, que talvez só meses e anos depois venham a saber se acertaram.

Mas a história de Vivian é um pouco diferente.

Quando o médico revelou o diagnóstico, ela não chorou nem ficou con-



Nem a tala na perna impede Vivian de percorrer a passarela.

fusa. Fez perguntas que a maioria das crianças da sua idade não teria calma nem maturidade para articular. “Qual é o tipo de tumor?”, “É fatal?”, “Vou perder a perna?”, “Vou perder o cabelo?”

“Ela agiu com maturidade incomum”, diz Vince Laws. “Minha mulher e eu ficamos apavorados e não

conseguimos dizer nada, mas lá estava ela perguntando sobre a doença, o protocolo e o que aconteceria. Não teve medo de saber a resposta.”

Embora a última palavra fosse dos pais, a família sempre tomou decisões conjuntas sobre o tratamento. Vivian se manteve informada sobre cada passo do caminho. Perguntou quanto tempo duraria o tratamento e indagou sobre transfusões de sangue e neutropenia, que ocorre quando os leucócitos caem abaixo de certo nível, aumentando o risco de infecção. Nunca foi procurar nada no Google (o hospital desaconselha isso enfaticamente) e buscou a

Vivian diz que fica

feliz de usar o amor pelo palco e pela atividade de modelo a fim de obter outro tipo de fama: a de genuína sobrevivente do câncer.

fonte, ou seja, os médicos e as enfermeiras. Acima de tudo, recusou-se a deixar o medo assumir o controle.

O pai de Vivian tem uma teoria sobre o salto quase instantâneo da filha da infância à idade adulta. No ano anterior, em 2006, os avós maternos de Vivian morreram de câncer, com um

intervalo de seis meses entre um e outro. A menina observou a mãe cuidar dos dois o tempo todo. No dia em que a avó morreu, Vivian, que treinava passos de baliza, olhou a casa dos avós do outro lado da rua e viu a ambulância e os bombeiros pararem na entrada.

Era muito ligada aos avós.

“Não queria ir pelo mesmo caminho deles e nessa hora decidi ser teimosa”, diz ela. Pela TV, também sabia que alguns pacientes de câncer se sentem azarados e jogam a raiva no mundo. “No consultório daquele médico, decidi que eu não seria assim.”

Remédios arriscados

O metotrexato é um medicamento potente usado em quimioterapia, ao qual os médicos só recorrem em último caso. Entre os graves efeitos colaterais estão lesões renais, hepáticas e do sistema imunológico. Ele também provoca defeitos congênitos em fetos e pode levar à esterilidade.

Em fevereiro de 2008, no início da segunda sessão de quimioterapia, o oncologista Dr. David Shook recebeu Vivian e os pais no consultório e sugeriu que o acrescentassem ao coquetel usado na quimioterapia. “Agora é como se olhássemos o placar no fim do primeiro tempo, e estamos perdendo”, disse o Dr. Shook à família.

No mês anterior, os médicos tinham removido o tumor de Vivian, a tíbia e o joelho doentes e inserido uma prótese de metal. Quando o tumor foi para a biópsia, o exame indicou que a quimioterapia tinha feito a massa encolher 30%, mas isso não bastava.

“Era horrível aplicar substâncias tóxicas na nossa filha”, disse Carla. “Voltei para casa e meu marido ficou me abraçando enquanto eu chorava.”

Mas desde o princípio Vivian foi inflexível: “Eu quero.”

Um mês depois de começar a tomar o metotrexato, Vivian teve uma grave infecção por estafilococos na prótese e na área ao redor. Tinha febre constante e, por causa da náusea e dos vômitos, precisou receber, durante seis meses, alimentação por via intravenosa.

Em julho de 2008, os médicos removeram o implante infeccionado e inseriram um espaçador temporário com antibióticos. O tempo todo, Vivian continuou animada e otimista.

A animadora de torcida

Pouco depois da cirurgia em janeiro de 2008, Vivian estava nas barras paralelas da sala de fisioterapia reaprendendo a andar. Tinha de passar por isso depois de cada operação.

Um paciente de 20 anos com osteossarcoma, ruivo (antes que o cabelo caísse) e de olhos amistosos, começou a contar piadas. Vivian riu. Já o conhecia. Tinham sido operados no mesmo dia, só que ele acabara perdendo a perna. O pior é que o câncer lhe atingira o pulmão.

Vivian fez amizade com o rapaz, líder jovem de uma igreja, com sua noiva e seus pais. Ele passou a ajudar Vivian com conselhos. Ela foi ao casamento dele, cuja data foi antecipada por medo do inevitável. Depois da ci-

rurgia a fim de remover tumores do pulmão, no mesmo dia da operação da perna infeccionada de Vivian, a primeira pergunta que ele fez ao acordar da anestesia foi: “Como está Vivian?”

Certo dia, o hospital telefonou perguntando se Vivian poderia visitar o rapaz. Estava morrendo, internado numa instituição de apoio a doentes terminais. Com a aprovação dos pais, Vivian lhe fez várias visitas.

– Dali a pouco – diz Vince Laws – ele estava sentado na cama, tomando sorvete. Ela mostrava o talento de virar tudo pelo avesso.

– Ríamos e contávamos piadas como amigos de infância – diz Vivian. – Em geral, era ele querendo me animar, mas aí chegou a minha vez de lhe dar apoio. Cresci bastante durante aquelas últimas semanas de vida dele, e sei que sou uma pessoa melhor porque o conheci.

Quando o rapaz morreu, Vivian chorou quatro minutos antes de parar de repente. “Já basta. Chega de choro.” Desde então, ela tem tomado sob sua proteção outros pacientes do St. Jude.

Olhar ardente

No camarim dos Chelsea Studios, em Nova York, pouco antes de levar Vivian ao palco, Tyra Banks vira-se para ela e diz: “Sabe do que me lembrei quando vi você com a cabeça assim? Da sexta temporada do programa *America’s Next Top Model*, em que as meninas tiraram fotos sem cabelo e ficaram lindíssimas. Quem consegue brilhar com a cabeça raspada é mesmo muito linda.”

Agora, no centro do palco da TV, Vivian posa para o fotógrafo de moda

particular da apresentadora. Tyra dirige a sessão e dá dicas a Vivian: “Vire a cabeça” e “Sorria com os olhos”.

Mais tarde, Vivian e Tyra Banks se juntam à atriz Marlo Thomas, filha do comediante Danny Thomas, fundador do Hospital St. Jude, para discutir as obras da entidade e a necessidade de recursos. O hospital já cuidou de pacientes de mais de 70 países em Memphis e por meio do International Outreach Program. Vivian se tornou porta-voz do hospital e comparece a eventos públicos, posa para fotografias usadas em peças de publicidade e vai a programas de televisão como aquele.

Mas, até agora, o *Tyra Banks Show* é a atividade mais empolgante. Ela não consegue acreditar que está a centímetros de Tyra; na véspera, visitou o Museu de Cera Madame Tussaud em Nova York e se emocionou apenas ao olhar uma réplica de cera do seu ídolo.

“Tyra teve muito sucesso, mas ainda é uma pessoa bem simples”, diz Vi-

vian. “Sem qualquer obrigação, ajuda os outros e lhes dá confiança.”

Ao descrever Tyra, ela também descreve a si própria. A mesma noção forte de autoaceitação e confiança que transformou Tyra numa empresária bem-sucedida ajudou a moça magrinha, manca, careca e de cicatriz na perna a correr atrás do sonho. Talvez ela não venha a percorrer as passarelas de Paris, mas tudo bem. Ela afirma que, se nenhum cliente a contratar porque ela manca ou tem uma cicatriz, a perda é dele. “Farei outra coisa.”

Vivian afirma que fica feliz ao usar o amor pelo palco e pela atividade de modelo a fim de obter outro tipo de fama: a de genuína sobrevivente do câncer.

“Acho que a minha experiência é a coisa mais linda que tenho”, diz. “Sinto orgulho dos períodos difíceis, das vezes em que ri e disse ‘não tenho medo’, embora todos estivessem apavorados. Sinto orgulho quando provooco um sorriso de quem está passando por maus pedaços. Tenho sorte de ter esse talento.”

FALHA DE COMUNICAÇÃO

Eu era produtora de um evento musical para jovens instrumentistas e, para facilitar a comunicação com os professores estrangeiros, me expressava, muitas vezes, por meio da mímica. Certo dia, um professor búlgaro de violoncelo me abordou, tentando me pedir alguma coisa. Gesticulava, mostrando a silhueta de uma mulher e apontava para o relógio. Eu não conseguia entender, cheguei a ficar irritada ao pensar que ele estava me pedindo para arranjar uma garota de programa por uma hora. Até que me levou ao seu quarto e mostrou-me o instrumento em cima da cama, quebrado: ele daria aula em uma hora e precisava de outro violoncelo!

Lucia Helena Farias Monteiro, Campinas (SP)